

África e Timor: elogio dos livros raros

Por que é que são raros? Essencialmente porque não chegam às mãos daqueles a quem, directamente, dizem respeito. E isto por diversas causas. Aqui apenas tomaremos em consideração duas.

A primeira tem a ver com o facto de estes livros só muito raramente estarem disponíveis nas livrarias, seja porque os seus editores não sabem ou não têm os meios para os difundirem e os distribuírem, seja porque os temas que abordam são demasiado especializados para alcançarem o grande público, seja porque são demasiado caros (resultado de grandes investimentos e tiragens limitadas), seja porque são interditados pela censura política, seja porque são redigidos em línguas pouco exportáveis, etc.

A segunda causa prende-se com o facto de estas obras, não tendo, na maior parte das vezes, a honra de serem referidas nos *media* (incluindo as publicações científicas), só raramente serem adquiridas por bibliotecas públicas. Trata-se de livros-fantasmas: sabemos, vagamente, nos casos mais felizes, que eles existem, mas nunca os vimos, nunca os consultámos, nunca os citámos. Nos casos menos felizes abate-se sobre eles um silêncio sepulcral.

Tudo isto é injusto para os seus autores, pois, contrariamente ao que pensam os leitores «carneiristas» e os editores desdenhosos, é nas margens que, por vezes, se encontram verdadeiras preciosidades ou, pelo menos, textos interessantes. Não temos a pretensão de, com a modesta recolha que aqui apresentamos, modificar a hierarquia de valores estabelecida, mas existem coisas boas a reter na maior parte dos títulos que passaremos a referir.

Começando por generalidades relativas à África lusófona, são de referir as actas bilingues de um colóquio realizado em Veneza e em Bolonha em Abril de 1994 sobre a guerra colonial portuguesa¹, vista por seis autores e

¹ Manuel G. Simões e Roberto Vecchi (coords.), *Dalle armi ai garofani. Studi sulla letteratura della guerra coloniale*, Roma, Bulzoni Editore, 1995, 77 páginas.

seus comentadores (professores de literatura). As suas preocupações analíticas abordam a história apenas casualmente. Não é este o seu domínio, mas uma bibliografia que recenseasse a quase totalidade dos livros motivados pela guerra teria sido bem-vinda, pois, face à vaga de testemunhos, temos dificuldade em orientar-nos no meio destas centenas de títulos.

Sem sectarismos corporativistas, referiremos dois outros estudos, desta vez brasileiros, consagrados a um autor português muito estimado pelos entendidos: Hélder Macedo. No primeiro texto², a autora investiga, em particular, a maneira como o seu herói apresenta as relações coloniais e neocoloniais. O modo como invoca Umberto Eco, Michel Foucault e o sempre lúcido Eduardo Lourenço, sem falar de outras autoridades com menos notoriedade, merecem-nos toda a confiança. O segundo texto³ é ainda mais rico, sendo constituído por cerca de vinte leituras que dissecam, *in vivo*, a obra do mestre. Se a África entra, através desta obra de homenagem, no seio dos eruditos brasileiros, já algo se ganhou relativamente à indiferença anterior. O que é de aplaudir!

*Community & the State in Lusophone Africa*⁴ reproduz as comunicações apresentadas num colóquio organizado no King's College (16 e 17 de Maio de 2002), decididamente um dos mais activos centros britânicos de estudos lusó-africanos. Neste caso, estamos perante politólogos que não bajulam os regimes em questão, pelo menos no caso de Angola e também de Moçambique, como acontece com alguns investigadores que trabalham fora do seu país natal. Que questionam eles sem qualquer complacência? A corrupção, o nepotismo, os conflitos políticos e sociais, a exclusão social, a descentralização democrática (?), etc. Trata-se, seguramente, de um livro destinado a ser raro em Luanda e em Maputo, mas não em razão do seu custo. Um livro para especialistas e incómodo.

A África e as políticas coloniais e pós-coloniais estão pouco representadas no livro seguinte⁵, salvo na grande secção consagrada a Portugal nos sistemas internacionais, onde o papel da economia e da diplomacia é posto em relevo por António José Telo. Bem como, evidentemente, o papel das alianças. E, uma vez que atravessámos a fronteira espanhola, vale a pena deitarmos um olhar sobre a África vista a partir da Galiza, da Andaluzia e de Leão. O que

² Marisa Corrêa Silva, *Partes de África. Cartografia de uma identidade cultural portuguesa*, Niterói, RJ, Editora da Universidade Federal Fluminense, 2002, 210 páginas.

³ Teresa Cristina Cerdeira (org.), *A experiência das fronteiras. Leituras da obra de Hélder Macedo*, Niterói, RJ, Editora da Universidade Federal Fluminense, 2002, 402 páginas, com ilustrações a preto e branco e a cores.

⁴ Malyn Newitt, Patrick Chabal e Norrie Macqueen (eds.), *Community & the State in Lusophone Africa*, Londres, Department of Portuguese & Brazilian Studies, King's College London, 2003, 184 páginas.

⁵ António José Telo e Hipólito de la Torre Gómez, *Portugal y España en los Sistemas Internacionales Contemporáneos*, Mérida, Junta de Extremadura, 2003, 394 páginas.

nos espanta na edição espanhola não é tanto o vigor das iniciativas provinciais, mas sim a audácia dos pequenos editores — muitas vezes mal distribuídos nas grandes livrarias de Madrid ou Barcelona — e os temas escolhidos. Quem poderia pensar que o Sara ocidental mobilizaria leitores que leriam, em galego, *Territorio Ocupado*⁶, vasta reportagem de um jornalista, defendendo o direito à independência do povo sariano? Através deste trabalho militante, somos levados a fazer o circuito tradicional entre campos de refugiados, entrevistas a antigos prisioneiros, Mães Coragem da resistência, etc. Mas temos também — e este é o aspecto mais inovador da obra — depoimentos de prisioneiros marroquinos, de soldados da Polisário, de alguns dos seus ministros, etc. Em geral, trata-se de um livro inesperado e recheado de numerosos detalhes sobre o período espanhol e o início da luta. De facto, este Sara miserável ainda não deixou de importunar os antigos militares que tiveram de o abandonar em 1975-1976. Como em Portugal — mas, ainda assim, menos frequentemente —, as lembranças e os remorsos, muitas vezes a nostalgia, deram origem a um género destinado a ter sucesso: a ficção militar colonial. O extenso romance-documento de Agripín Montilla Mesa⁷ é um bom exemplo do que chamamos, antes em França, o «mito do spahi» (tropa nómada sariana). O autor pertenceu à polícia territorial da Saguia el Hamra (norte do Sara espanhol) de 1960 a 1973 e integra no seu relato uma multidão de sarianos (homens e mulheres), de homens do petróleo, de soldados, de funcionários metropolitanos (quase todos militares), que fazem deste vasto livro uma iniciação sociológica às realidades da época anterior à anexação marroquina.

Mais destinado aos historiadores militares, devemos igualmente citar um estudo⁸ extremamente minucioso sobre o papel da aviação na guerra de bloqueio em Ifni (1957-1958) e de reconquista do Sara espanhol. O autor é um antigo aviador (coronel) que veio a ser director dos Arquivos da Aviação Militar, tendo por isso a possibilidade de traçar um balanço comedido e equilibrado desta guerra, considerada o último conflito colonial — ou para-colonial —, conduzida por Madrid em África. Do mesmo editor, especializado em obras militares, o amante — e o historiador — da guerra colonial beneficiará com o desfolhar de um álbum (com um texto patriótico)⁹ sobre o estado das tropas e do exército espanhol face à «Marcha verde» de Hassan

⁶ Fran Alonso, *Territorio Ocupado*, Vigo, Edicións Xerais de Galicia, 1998, 279 páginas, com fotografias a preto e branco de Manuel G. Vicente.

⁷ Agripín Montilla Mesa, *Mientras Soñaba... (Al Oeste del Sáhara)*, Córdoba, Ediciones Litopress, 2003, 552 páginas, com fotografias a preto e branco.

⁸ Emilio Herrera Alonso, *Aire, Agua, Arena y Fuego*, Valladolid, Quirón Ediciones, 2002, 80 páginas, com fotografias a preto e branco e a cores.

⁹ *Sáhara, 1975. Imágenes Inéditas de la Presencia Militar Española, Cuadernos de Historia Militar*, n.º 4, Valladolid, Quirón Ediciones, 2003, 80 páginas, com numerosas fotografias a preto e branco e a cores.

II em 1975. Perante os tanques que esperavam os marroquinos na fronteira, ousamos afirmar que o seu rei teve a habilidade de não dar início a um conflito armado, preferindo jogar habilmente com a confusão dos últimos dias do franquismo, em volta do leito de sofrimento do Caudilho, para obter, finalmente, pela pressão e pela intimidação, este Sara tão cobiçado. Cerca de trinta anos depois, os oficiais espanhóis — pelo menos, os mais velhos — ainda não deixaram de acusar a política titubeante de Madrid de os haver humilhado, ao obrigá-los a retirar sem terem disparado um único tiro, apesar de eles terem os meios para vingarem o episódio de 1957.

Passemos agora do deserto para o matagal espanhol pela mão de uma minúscula brochura¹⁰ que confirma fortemente aquilo que dissemos no início deste texto, isto é, que existem, frequentemente, boas obras mal difundidas. *Diplomáticos en la Guinea Española* é uma verdadeira pérola para os historiadores. O texto é a tradução de dois relatórios do cônsul-geral britânico em Yaoundé (visita a Fernando Poo em Abril-Maio de 1961) e, sobretudo, do embaixador americano no Gabão (visita a Rio Muni em Julho de 1962) durante a fase da provincialização. A impressão com que se fica, a partir destes dois textos, é a de que os espanhóis fizeram um esforço enorme para desenvolverem o bem-estar dos seus súbditos (tornados cidadãos em 1958), muito superior àquele de que os franceses se podem orgulhar de terem feito no Gabão nos anos 50. Fala-se de uma Bélgica hispano-africana! Feliz época esta, da qual o final da década de 1960 a 1970 iria fazer ter saudades. Eis um texto que nos reconcilia com os diplomatas americanos. Por que é que os portugueses não publicam os relatórios dos cônsules dos Estados Unidos ou da Grã-Bretanha em Luanda e Lourenço Marques? E os franceses, igualmente, para as suas ex-colónias?

Mas regressemos à África lusófona e mais precisamente a Cabo Verde com uma obra original e meritória lançada por bretões em Rennes sob o impulso de um casal de professores honorários de língua e civilização portuguesas, Françoise e Jean-Michel Massa. Devemos-lhes já três notáveis dicionários enciclopédicos sobre a Guiné, São Tomé e Príncipe e Cabo Verde. Agora lançam uma coleção («Património lusógrafo africano») com três títulos simultâneos sobre Cabo Verde: (i) a edição erudita de um manuscrito inédito; (ii) a reimpressão da tese de medicina do primeiro médico cabo-verdiano, defendida na Sorbonne em 1830; (iii) a tradução bilingue e anotada do primeiro guia africano (1851) e sobre um país africano. Dos três, o volume que reproduz a *Relation journalière d'un voyage fait en 1699 par M. de Beauchesne aux îles du Cap-Vert*¹¹, de Duplessis, é uma verdadeira

¹⁰ Alicia Campos Serrano (ed.), *Diplomáticos en la Guinea Española, 1961-1962*, 08500 Vic (Barcelona), CEIBA Ediciones, 2004, 78 páginas.

¹¹ Duplessis, *Relation journalière d'un voyage fait en 1699 par M. de Beauchesne aux îles du Cap-Vert*, coord. de Françoise e Jean-Michel Massa, Rennes, Pédagogie, Cultures, Littératures lusographes, (B. P. 3951, 35039 Rennes Cedex France), 2004, 79 páginas, com ilustrações a cores e a preto e branco.

obra de arte, com cerca de trinta desenhos a cores. A iconografia sumptuosa, a tradução em português, a apresentação, as notas e uma bibliografia cuidadas remetem-nos para um tempo (o século XIX) em que nem o financiamento (neste caso, oito «mecenas» institucionais) nem a vontade de criar uma obra excepcional faltavam aos promotores deste tipo de obras. O *Essai sur la lithotritie*¹² tem sobretudo importância no domínio das relações públicas. Mas o *Guide des îles du Cap-Vert*¹³, de John Rendall, tem um indubitável interesse histórico ao recordar-nos o notável papel do arquipélago nas rotas do Atlântico sul. O guia, redigido pelo cônsul britânico no Mindelo, foi editado pelo menos três vezes em inglês, ou talvez mesmo cinco vezes, entre 1851 e 1869 (1878?). É difícil dizer o que mais nos seduz neste conjunto, se o esforço constante destes linguistas, transformados em historiadores, se a sua habilidade para motivarem uma equipa e para mobilizarem os fundos necessários, se a sua minuciosa erudição. Se todos os professores de língua portuguesa no mundo reunissem as suas qualidades, talvez esta disciplina saísse do *ghetto* em que hoje se encontra confinada.

Ainda sobre Cabo Verde assinalemos um texto¹⁴ que nos parece estar condenado a uma difusão externa modesta, não devido à incompetência do seu editor, mas porque o checo não é uma língua acessível aos cabo-verdianos (salvo, talvez, os que, sob a égide do PAIGC, fizeram os seus estudos em Praga no tempo do socialismo científico e proletário). Trata-se de uma enciclopédia mais vasta — bastante completa no domínio geológico — do que o subtítulo indica. Os autores viajaram pelo arquipélago em 2002 e as fotografias do Campo do Tarrafal trazem-nos à memória lembranças sinistras. A bibliografia, com 15 páginas, é útil.

Sobre a Guiné-Bissau, um livro em português sobre este país não deveria figurar na categoria das raridades, salvo se o assunto for tão técnico como o deste relatório¹⁵, elaborado por uma comissão eleitoral, e não obstante ter tido uma tiragem de 1000 exemplares. Trata-se de um relatório sobre as eleições presidenciais e legislativas de 1999 e de 2000, com evidente interesse como instrumento de trabalho para os politólogos. Mas quantos, no mundo, se interessam pela Guiné? Em todo o caso, podemos aprender com a sua leitura

¹² Jule-Joseph Dias, *Essai sur la lithotritie. Thèse. Faculté de la Sorbonne*, Paris, 1830, Rennes, Pédagogie, Cultures, Littératures lusographes (B. P. 3951, 35039 Rennes Cedex France), 2004, 61 páginas, com ilustrações a preto e branco.

¹³ John Rendall, *Guide des îles du Cap-Vert. A Guide to the Cape de Verd Islands*, Rennes, Pédagogie, Cultures, Littératures lusographes (B. P. 3951, 35039 Rennes Cedex France), 2004, 120 páginas, com ilustrações a preto e branco.

¹⁴ Jan Klíma e Jan Vitek, *Kapverdiské ostrovy. Historie a georeliéf. Výsledky «Expedice Kapverdy 2002»*, Hradec Králové, Gaudeamus, 2003, 191 páginas, com estampas a preto e branco.

¹⁵ CNE. *República da Guiné-Bissau, Eleições Presidenciais e Legislativas. 28 de Novembro de 1999-16 de Janeiro de 2000-2.ª Volta do P. R. Relatório Final*, Lisboa, Secretariado Técnico dos Assuntos para o Processo Eleitoral (STAPE), 2002, 368 páginas, com gráficos a cores.

uma série de coisas, tanto mais que o inquérito foi conduzido com uma profusão de detalhes inusitada. Será útil ainda a demógrafos e futuros historiadores, que poderão tirar partido das suas estatísticas. Na totalidade, as verbas disponíveis para estas eleições atingiram US\$ 3 757 314,85, tendo a Suécia contribuído com 975 000, a Holanda com 411 607 (obrigado, Amílcar Cabral!). Mais cépticos — e com razão —, os portugueses contribuíram apenas com US\$ 62 995,85 e com material. E agora que as eleições se realizaram para onde irá a Guiné?

A resposta, provisória, poderemos encontrá-la em *A Luta pelo Poder na Guiné-Bissau*¹⁶, cujo autor, extremamente lúcido, declara que esta luta ocupa grande parte da actividade dos dirigentes, impedindo-os, de facto, de governarem normalmente depois da independência. «A Guiné é um país de traições», dizia Nino Vieira, e ele sabia do que falava! Encontramos neste livro académico uma impressionante análise — quase cirúrgica — das dificuldades estruturais de uma sociedade de rebeldes e de um Estado em grande medida fictício e impotente, porque artificialmente imposto às populações, sem coesão nem interesses comuns. Com Álvaro Nóbrega, estamos muito longe do entusiasmo sueco pelo PAIGC no seu apogeu. Agora que Amílcar Cabral conversa com o Criador e a cortina de fumo se dissipou só encontramos ávidos aprendizes de feiticeiros, muito longe dos mitos e com os pés na lama e a miséria. Texto duramente crítico, mas necessário, porque denuncia o que está mal. Mas o que poderão fazer os herdeiros de uma personagem histórica?

Saltemos agora para Angola, que, como Moçambique, possui na sua bibliografia um subgénero cada vez mais rico. Os livros publicados por antigos colonos, «retornados», que ainda não encontraram — ou quiseram encontrar — um editor profissional. Assim, todos os custos relativos à edição, difusão e venda dos livros ficam a cargo dos autores. E é aqui que começam as dificuldades para aqueles que, entre eles, pretendem ir mais além do círculo de amigos ou das associações de antigos colonos. O que eles escrevem é, assim, frequentemente, ignorado pelo grande público, o que, por vezes, é pena, pois, mesmo que aquilo que dizem não agrade a muitos leitores — pela nostalgia, pelo rancor, pelo ajuste de contas pessoais, etc. —, os seus testemunhos e as suas experiências poderiam iluminar certos episódios e situações. Exemplos?

*Ngula e outras estórias*¹⁷ é uma recolha de contos — na verdade, de memórias —, dos quais, pelo menos, um tem um valor histórico, pois não é todos os dias que nos encontramos com um velho *soba* que, em 1962, na

¹⁶ Álvaro Nóbrega, *A Luta pelo Poder na Guiné-Bissau*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2003, 333 páginas, com gráficos a cores.

¹⁷ José Alves das Neves, *Ngula e outras estórias*, Rinchoa, ed. do autor (José Alves das Neves, Av. do Parque, 19, r/c, esq., 2735-297 Rinchoa), 2000, 245 páginas.

Gabela, fala ao autor da guerra luso-ovimbundu de 1902 e das caravanas de escravos que, nesta época, atravessavam os Seles. Encontramos igualmente uma pintura cáustica da sociedade colonial branca do Planalto, durante o período de Caetano, num dos livros¹⁸ de Estorieira Santos, mais conhecido por A. Rêgo Cabral, um engenheiro que percorreu Angola de uma ponta à outra. Mesmo quando nem sempre compreendemos o que é que Platão e um bando de outras personagens da Antiguidade têm a ver com um livro *angolanista*, o que este autor nos narra num outro dos seus numerosos livros¹⁹ parece ser único, como a descrição da construção de uma estrada na Baixa de Cassange, de uma equipa de trabalhadores, de um comerciante branco bom para os africanos, do meio em que se movimentavam os engenheiros e geólogos que trabalhavam na, e à volta da, mina de ferro de Cassinga, do caminho de ferro de Serpa Pinto, etc. Temos ainda conhecimento de um outro título²⁰ deste autor relativo à Angola dos anos 1960-1970, onde este cruza, uma vez mais, o romance e a reportagem.

Outro texto representativo da auto-edição em volta do tema de Angola é uma recolha de poemas²¹ de uma enfermeira portuguesa activa em certos meios artísticos africanos em Portugal. À volta de um poema vemos surgir Moçâmedes, Benguela, as crianças, etc. Estamos no domínio da saudade! Mais — muito mais — desfrutável para conhecer as reacções e as lembranças dos «retornados» que não esquecem — como é que podiam — a sua partida catastrófica de Angola, devemos ler *Abandonar Angola*²². Nesta obra encontramos descrições alucinadas: em primeiro lugar, do caos em Luanda durante a guerra civil; em segundo, da impotência ou da indiferença de um exército português completamente desmoralizado e sem vontade de salvar mais do que as aparências; em terceiro, do afundar, em absoluto, dos mitos coloniais sobre os quais, desde há décadas (bem antes de 1961), dormiam os europeus, etc. O conjunto é finalizado por páginas sobre a viagem de regresso à «metrópole» e sobre os primeiros dias de fixação em Portugal. Angola, trinta anos após esta ruptura sísmica, continua envolvida numa auréola de «paraíso perdido» para a autora, e não só.

¹⁸ Estorieira Santos, *Em Demanda*, Lisboa, Litografia Amorim, 2000, 396 páginas.

¹⁹ Estorieira Santos, *Semana Anticolonial*, Lisboa, Litografia Amorim, 1998, 199 páginas.

²⁰ Estorieira Santos, *Rosas Brancas*, Lisboa, Litografia Amorim, 1997, 236 páginas. (Nota: estes três títulos parecem estar disponíveis, em 2004, na morada do autor: A.R.C.-E.S., Rua São Francisco de Sales, 17, 5.º, E, 1250 Lisboa.)

²¹ Maria de Deus Melo, *Angola Ardente*, Setúbal, ed. do autor (Maria de Deus Melo, R. Associação de Moradores, 12, r/c, Casal das Figueiras, 2900-121 Setúbal), 2002, 93 páginas, com fotografias a preto e branco.

²² Aida Viegas, *Abandonar Angola. Um olhar à distância*, Aveiro, ed. do autor (AVI, R. Ciudad Rodrigo, 4, 1.º, esq., 3810-083 Aveiro), 2002, 220 páginas, com fotografias a preto e branco.

Outro testemunho de um colono-cronista que o leitor — e nós próprios, em primeiro lugar, visto termos sido os primeiros, após 1975, a defender uma tese de doutoramento na Sorbonne sobre o assunto — que se interesse pelos «acontecimentos» de Março de 1961 no Noroeste angolano tem a obrigação de conhecer é *Quitexe-61. Uma tragédia anunciada*²³. E porquê? Porque os testemunhos *directos*, publicados em livro, sobre os massacres recíprocos no Congo português são raros e mais raros ainda os que, em português, não diabolizam os revoltosos. Este foi publicado por um colono português (fixado na região desde 1949), amigo dos mbundus e assaz anti-colonialista. O autor, um rico fazendeiro e comerciante da região de Quitexe (povoação onde, em 15 de Março de 1961, uma dezena de brancos foi massacrada), declara que as autoridades administrativas estavam prevenidas da iminência da revolta, mas não avisaram os fazendeiros, que foi a PIDE local quem orquestrou, em represália, os massacres dos aldeões, que os comerciantes não exploravam os africanos (?) e que as primeiras tropas regulares não foram tão corajosas como a propaganda veiculou, tal como não o foram os civis brancos e os bailundos! O que salvou os colonos foi a incapacidade da UPA em mobilizar e armar seriamente os seus partidários. Vista de Sirius, mais de quarenta anos após os acontecimentos, a situação, aos olhos de um observador estrangeiro, pode resumir-se numa frase: amadorismo dos dois lados. O autor regressou a Portugal em Julho de 1961, só tendo voltado a Quitexe em 1973. E não por muito tempo!

Com o opúsculo de Salvador Cabral²⁴, antigo missionário em Angola (1968-1973), continuamos no terreno das edições de autor, mas de feição mais analítica e predicativa. Republicado em 1999, este texto fora retirado do mercado em 1972 pela PIDE/DGS, no centro de Angola, onde o autor tinha uma actividade social. O que ele diz sobre o atraso e as debilidades do Terceiro Mundo e sobre a necessidade de o fazer progredir não estava de acordo com aquilo que pensavam as autoridades coloniais. Uma geração depois, as suas conclusões continuam actuais para Angola e para a África em geral!

Às mesmas conclusões chega Francisco da Mata Mourisca, bispo português do Uíge (ex-Carmona), que revela uma forte indignação²⁵ nas justas denúncias que faz dos horrores perpetrados pelas tropas da UNITA e do MPLA contra as populações civis, reféns das ambições políticas de persona-

²³ João Nogueira Garcia, *Quitexe-61. Uma tragédia anunciada. O Velho Canzenza e outras histórias*, Vila Nova do Ceira, ed. do autor (a/c João Luís Matos Nogueira Garcia, R. Eng.º António Barata Garcia, Várzea Grande, 3330 Vila Nova do Ceira), 2003, 113 páginas, com desenhos e fotografias a preto e branco.

²⁴ Salvador Cabral, *Revolução para o Terceiro Mundo*, Nine, ed. do autor (Padre Salvador Cabral, Comunidade Paroquial, Lugar da Igreja, 4775 Nine), 1999, 72 páginas.

²⁵ Francisco da Mata Mourisca, *Angola: Escândalo da Paz*, Coimbra, Gráfica de Coimbra, 2001, 297 páginas.

gens que a história julgará muito severamente. O tom é o do sermão (cf. «Decálogo do bom militar [e] do polícia exemplar», pp. 21-22). Esperemos que, chegada a paz a Angola, num país exangue, a voz do bispo não sirva mais para denunciar escândalos e crimes de guerra. Será que este nosso optimismo se justifica? Veremos!

Ainda entre os missionários católicos portugueses, mencionaremos uma enorme recolha de contos²⁶ que poderá motivar os etnólogos interessados no mundo dos quicocos. Trata-se de trezentos contos, com notas e um glossário. Que mais podemos dizer sobre esta obra? Que foi elaborada pelo autor, chegado a Angola em 1955, na missão de Léua, situada a cerca de 50-60 km de Luena, ex-Luso. O que restará de ambas em 2004 depois de tantas guerras?

E para terminar, por agora, com as obras de religiosos em Angola devemos ainda ler as vinte páginas de *Béatrice la bohémienne*²⁷, nas quais a autora nos conduz através de uma missão (imaginária ou real, não o sabemos) onde duas irmãs francesas, saídas do convento, trabalham em favor da população. Estranha narrativa sobre um país ainda mais estranho. Inverosímil! Mais concreto, mas também curioso, é um pequeno texto²⁸ de um brasileiro, de origem africana, enviado a título de consultor em administração de recursos humanos a Angola durante a guerra (1990-1991) a pedido dos supermercados de Luanda. O que torna esta obra interessante é a descrição das reacções de um brasileiro, cheio de boa vontade, às situações que transformavam Luanda numa cidade delirante, como o recolher obrigatório, os tiroteios, etc. Conservemos uma expressão corrente em 1990: «cinco filhos: dois para a guerra, um para a fome, um para a doença e um para a vida» (p. 14).

E, uma vez que estamos no domínio do social, prossigamos com a referência a três textos universitários de carácter puro e duro: «Occasional Papers» do Centro de Estudos Africanos do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE). Apesar de considerarmos que muito podemos aprender com estes textos policopiados, não cremos que eles façam parte da lista de *best-sellers* da FNAC ou da Amazon. Mas talvez estejamos, desta vez, a ser pessimistas. Numa palavra, Nelson Pestana²⁹, Elisete Marques da Silva³⁰ e Cristina Udelsmann Rodrigues³¹ dirigem-se a especialistas

²⁶ Adriano Correia Barbosa, *Angola. Imagens e Mensagens. Contos Tradicionais*, Santo Tirso (4795-309 Roriz STS), Edições Ora & Labora, 1990, 714 páginas.

²⁷ Béatrice Binninger, *Béatrice la bohémienne*, Paris, Les Editions du Panthéon, 2001, 79 páginas.

²⁸ Pedro Paulo Iannini, *Uma viagem à África*, Niterói, RJ, Editora da Universidade Federal Fluminense, 1995, 67 páginas.

²⁹ Nelson Pestanha, *As Dinâmicas da Sociedade Civil em Angola*, Lisboa, ISCTE, 2003, 44 páginas.

³⁰ Elisete Marques da Silva, *Impactos da Ocupação Colonial nas Sociedades Rurais do Sul de Angola*, Lisboa, ISCTE, 2003, 47 páginas.

³¹ Cristina Udelsmann Rodrigues, *Recomposição Social e Urbanização em Luanda*, Lisboa, ISCTE, 2003, 28 páginas.

(sociólogos, politólogos, antropólogos, etc.) e não vamos pormenorizar aqui os méritos dos seus trabalhos. Apenas diremos que o primeiro, incisivo, se distanciou, acima de tudo, do MPLA e que a segunda explora um campo mal conhecido (o avanço da frente pioneira colonial do Sudoeste, em direcção às terras dos agricultores e dos pastores, e a resistência destes a esta colonização tardia), sem discursos elegíacos, mas através de dados estatísticos, uns atrás dos outros, e sem arrebatamentos líricos, como acontece com alguns etnólogos. Quanto à terceira, esta autora adopta uma metodologia quantitativa que nos mostra que, contrariamente à ideia comum, existe uma comunidade muçulmana em Luanda. Assinalemos que a reprodução da p. 27 (da bibliografia) está truncada, o que torna impossível a sua leitura e exploração.

Vejamus agora o que é que um nacional do Mali³² e um congolês (República Democrática do Congo) têm a dizer sobre o conflito MPLA-UNITA a propósito da actividade de um compatriota do primeiro, o Representante Especial do Secretário-Geral da ONU em Angola, que, segundo o editor, «pagará com a vida o seu empenhamento pela paz». Os autores começam por resumir a história angolana a partir de fontes que não aparecem na bibliografia, verdadeiramente débil. Depois, dissertam sobre a intervenção da ONU, campo em que se tornam bastante mais originais, com a entrada em cena de Alioune Blondin Bèye, a quem os autores tecem os maiores elogios pelas suas qualidades de diplomata entre o MPLA e a UNITA (protocolo de Lusaka, assinado a 20 de Novembro de 1994, o qual os autores analisam pormenorizadamente, quer em termos do teor, quer em termos da sua aplicação até ao final de 2002). Na verdade, este livro é uma espécie de reabilitação da mediação da ONU em Angola através da figura de Bèye.

E, uma vez que falamos de uma guerra, hoje morta, entremos mais profundamente neste túmulo e exumemos uma das suas raízes: a guerra colonial. O novo livro de Piçarra Mourão, coronel na reserva, tem como fio condutor as suas «aventuras»³³ na Guiné, tema ao qual voltará em *Da Guiné a Angola*³⁴ para exaltar os aspectos «psico-sociais» da acção do exército e, mais inesperadamente, dissertar sobre o *stress* de guerra. Mas o mais interessante neste segundo livro é o seu relato, enquanto capitão de artilharia, no desempenho das suas funções de escolta dos comboios de camiões civis a partir de Úcua (Dembos, zona do MPLA) e na recuperação de refugiados

³² Ousmane Bamba e Makuzayi Massaki, *Le conflict angolais. L'action d'Alioune Blondin Bèye, Médiateur des Nations Unies*, Paris, Cauris Editions, 2003, 136 páginas, com mais 5 páginas de fotografias a preto e branco.

³³ Piçarra Mourão, *Guiné Sempre! (Testemunho de uma guerra)*, Coimbra, Quarteto Editora, 2001, 174 páginas.

³⁴ Piçarra Mourão, *Da Guiné a Angola. O Fim do Império*, Coimbra, Quarteto Editora, 2004, 173 páginas.

(na selva, depois de 1961) entre 1969 e 1971. O autor voltará a Angola para uma terceira comissão (1973-75) e desta vez as coisas vão complicar-se. Não no início, em que esteve estacionado em M'Pupa (no Baixo-Cuíto, a 45 km do Caprivi), literalmente no meio do nada, a quatro dias de camião militar de Serpa Pinto. A presença de um batalhão neste deserto só é explicável como uma exigência dos sul-africanos, que, de facto, asseguravam uma ajuda logística e alimentar indispensável a estas «crianças perdidas» em «coutadas de caça». Corrijamos o autor (p. 92): não foi Artur de Paiva quem «pacificou» a região, mas sim João de Almeida, que a fez «ocupar» (parcialmente, ao longo do Cubango, a partir de 1909), sob ordens do governador-geral Paiva Couceiro. No início de 1974, o batalhão inútil regressou a Camabatela (na rota do café, a 60 km de Quitexe). Ficamos a saber que os fazendeiros, para colherem o seu café sem interferências, pagavam a passividade da FNLA, o que convinha, simultaneamente, ao exército, que já havia perdido a esperança de ver chegar ao fim esta guerra adormecida. Depois do 25 de Abril de 1974, as operações continuaram em ritmo lento e em Julho o autor apercebe-se de que a FNLA, que os tinha persuadido de que era poderosa, não passava de uma guerrilha «à Potemkine». O interesse do livro aumenta quando o batalhão foi chamado a Luanda para manter a «ordem» (Julho de 1974), mas nessa altura estes soldados, apesar de tudo, entraram numa página negra da história militar portuguesa: a confusão, a incoerência, a desorganização, vão levar à derrota moral que todos conhecemos. Recomendamos as pp. 119 a 162, mas não em honra das autoridades (que autoridades?) em funções em 1974-1975.

Partamos para temas menos controversos pela mão de um livro que será muito difícil de encontrar nas bibliotecas públicas que se interessam pela história ou pela política do «antigo ultramar». Qual a razão para esta situação? A tiragem não ultrapassou os 500 exemplares, mas esta não é a razão essencial. A explicação fundamental parece-nos prender-se com o facto de não associarmos naturalmente à investigação histórica um livro publicado por engenheiros civis sobre o Sul de Angola. O que é um erro crasso. Porquê? Porque, para além dos desenvolvimentos puramente técnicos, o texto comporta numerosos mapas históricos e uma boa centena de páginas que resumem, mais ou menos, o que sabemos sobre a exploração e ocupação portuguesa da região, detalhando, em seguida, as relações — por vezes difíceis — com os vizinhos alemães e, depois, sul-africanos e terminando com a descrição da construção da barragem de Ruacaná, concluída em 1978. O livro de Rui Sanches, *O Aproveitamento do Rio Cunene*³⁵, com as suas fotografias, mapas e reproduções de documentos diplomáticos, é uma mina para quem se interesse pelo passado e pelo presente (até à sabotagem, em

³⁵ Rui Sanches, *O Aproveitamento do Rio Cunene. Sua Importância Internacional e para o Sul de Angola*, Lisboa, Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 1999, 240 páginas, com

1990, da barragem de Gove) do Centro-Sul angolano e da Namíbia setentrional. Mesmo que a bibliografia utilizada e a narrativa sejam lacunares, e não obstante o autor parecer manter-se fiel às suas convicções políticas (foi ministro entre 1968 e 1974), o seu texto deve ser conhecido e utilizado não só pelos técnicos das grandes barragens, mas também por um público mais vasto.

Outras razões que justificam a raridade de um livro nas bibliotecas? Desta vez poderemos apontar o seu tamanho incómodo (formato 31 por 42 centímetros, com destacáveis que são verdadeiros cartazes, com os seus 60 por 41 centímetros) e, em seguida, a poderem igualmente desencorajar, o objetivo da obra e o comprometimento político claramente evidenciados pelo autor. Trata-se de um brasileiro branco da Baía, fixado em Luanda, que trabalha para o governo angolano e para a sua promoção desde 1998. O preço não é, neste caso, uma desvantagem, pois esta obra luxuosa foi financiada por um banco e pela agência de comunicação de que o autor é, simultaneamente, fundador, accionista e director. Serão estas razões suficientes para que as bibliotecas afastem *Nação Coragem*³⁶ da sua lista de próximas aquisições? Não o cremos. Porque este fotógrafo prolixo dá-nos uma galeria de cenas e de retratos extraordinários para conhecermos a Angola mártir dos anos 1998-2002. O conjunto é acompanhado por textos de autores e políticos angolanos (alguns, aparentemente, não totalmente de acordo com o regime). Numa palavra, trata-se de um livro monumental a oferecer como presente a uma amante de fotografia ou a um retornado que não esquece Angola.

«O pessimismo é um luxo dos povos felizes», escreve José Agualusa. É, pois, com optimismo que deixamos Angola para irmos até Moçambique, que começaremos por visitar através de *Les prisons au Mozambique*³⁷, vistas pela Comissão Africana dos Direitos do Homem e dos Povos em Abril de 2001. Oficialmente, em Dezembro de 2000 existiam apenas 8812 presos, estando, portanto, a população prisional a diminuir, face aos 10 800 detidos em 1997. A autora do relatório visitou a cadeia central de Maputo, uma cadeia civil, e a cadeia de alta segurança de Machava, as duas localizadas na capital do país, e mais seis nas províncias. Vera Chirva fala enquanto jurista e constata que a situação, no seu conjunto, melhorou. Conhecemos, pelo menos, quatro livros publicados por estrangeiros (entre eles, um africano) que descrevem as suas detenções em Moçambique depois da independência. A autora não poderia ver tudo, mas, além da prisão de segurança máxima de Tete, que parece tê-la chocado, teria sido interessante ter visitado o cárcere

numerosas cartas e mapas desdobráveis a cores e preto e branco, bem como fotografias a cores e a preto e branco.

³⁶ Sérgio Guerra, *Nação Coragem: um registro de Angola*, Salvador-Ba, Maianga Produções e Promoções, 2003, 160 páginas, com numerosas fotografias desdobráveis a cores e a preto e branco.

³⁷ Vera Chirva, *Les prisons au Mozambique. Seconde visite. Avril 4-14, 2001*, Paris, Penal Reform International (40, rue du Château d'Eau, 75015 Paris), 2001, 55 páginas.

de Chimoio, sem falar das cadeias no Norte do Zambeze. Herdámos quase sempre as prisões do colonizador, sem que haja dinheiro para perder com os delinquentes, com a sua reabilitação e reinserção.

Assim, olhemos agora para o futuro que se abre à nossa frente através dos olhos dos superoptimistas encartados, os missionários evangélicos que afirmam *Always Enough*³⁸. E, de facto, Deus está com eles desde a sua entrada no país, em 1995, acumulando milagre sobre milagre, no Sul de Moçambique, por eles, pelos seus órfãos, pelos seus conversos, etc. E isto não é pura retórica, uma vez que eles têm mais de um milhar de crianças abandonadas a seu cargo e resistem a tudo, aos «poderes demoníacos», às epidemias de malária, aos ataques de *gangs*, às autoridades da FRELIMO que interditaram a evangelização dos órfãos, às inundações, enfim, a tudo! Que os familiares destas crianças as abandonem nas lixeiras de Maputo, isso diz tudo sobre a miséria da sociedade local e explica por que há uma sobrepopulação prisional. Assim, com a ajuda de alguns novos milagres bem escolhidos e com a ajuda de caritativos patrocinadores norte-americanos podemos ser optimistas como estes dois autores.

E, já que estamos no domínio da caridade e das atitudes positivas, admiramos a surpresa de uma jovem francesa nada singular. Trata-se mesmo de uma mulher determinada, pois entre Outubro de 2001 e Abril de 2002 ela percorreu mais de 3300 quilómetros... entre o Lesoto e o lago Malawi, tendo por companhia apenas dois pôneis e fazendo a maior parte do caminho a pé entre Xai-Xai e a fronteira meridional do Malawi³⁹. Admirados? Certamente muito, pois, após ter sido atacada, despojada e quase violada por três zulus na África do Sul, ela encontrará, praticamente por todo o Moçambique, o acolhimento entusiasta ou benevolente dos expatriados (o que não é estranho em África), mas sobretudo dos aldeãos africanos, ainda mais pobres do que ela. O facto de viajar sozinha, ou quase, apenas com os dois cavalos, vacinados, num país onde grassa a tsé-tsé, facilitou, evidentemente, os contactos. O que não impede que — para além da curiosidade que suscitaram estes dois animais, insólitos entre o Save e o Zambeze (as crianças tomaram-nos por hipopótamos, p. 113) — a gentileza dos moçambicanos (mesmo dos polícias!), que lhe ofereceram alojamento e a acolheram em aldeias que nem vêm no mapa, deva ser assinalada, pois é cada vez mais rara na África meridional. Fazendo cerca de 20 a 45 quilómetros de marcha por dia, a autora dá-nos uma pintura entusiasta do país, onde passou mais de três meses, de zonas que recuperam dificilmente (Gorongosa) da guerra civil e das inundações. Em suma, mesmo

³⁸ Rolland e Heidi Baker, *Always Enough. God's Miraculous Provision among the Poorest Children on Earth*, Grand Rapids (Michigan), Chosen Books/Baker Book House Company, 2003, 187 páginas, com fotografias a preto e branco.

³⁹ Laurence Bougault, *Sous l'oeil des chevaux d'Afrique*, Paris, Belin, 2003, 157 páginas, com chapas fotográficas a cores.

que possamos dispensar as suas considerações filosóficas, o seu trabalho ofereceu-nos mais de 60 páginas sobre o Sul e o Centro moçambicanos, longe dos safaris, dos hotéis de Maputo e dos economistas do Banco Mundial.

Ainda dentro do género «viajantes francesas por Moçambique», recuemos até 1960-1961 com as notas e recordações de uma *globe trotter* emérita que, também sozinha, e durante dez anos, percorreu a África de norte a sul. Em Novembro de 1960 fez escala em Moçambique, onde a fortaleza servia ainda de cadeia. Seguiu depois para a Beira e para a Gorongosa. Em Dezembro encontrava-se em Lourenço Marques e no início de Janeiro de 1961 visitou o «colonato» do Limpopo, que a espantou. Esta *routarde*⁴⁰ precoce fazia um turismo cultural de pendor histórico. Era uma intrépida amante das explorações dos finais do século XIX. Nós também...

Voltemos ao Norte de Moçambique pela mão de um opúsculo⁴¹, em que podemos esquecer as 46 páginas iniciais, mas cujas 15 últimas são incontornáveis, onde são abordadas as negociações luso-britânicas a propósito da delimitação da fronteira terrestre e lacustre do Niassa, a partir de 1947, e do «levantamento hidrográfico do lago Niassa», depois de 1956. Trata-se de um episódio apaixonante praticamente desconhecido fora de Moçambique.

Permaneçamos no Norte com outro romance de edição de autor, *A Paixão de Muamina*⁴², que, escrito entre 1948 e 1950, não teve qualquer hipótese de ser publicado na época, uma vez que narrava situações de racismo e exploração dos africanos, tal como outras em que denunciava as imbricadas relações entre o grande capital metropolitano e a política colonial salazarista. Mas o que é raro nesta obra é o facto de a acção se desenrolar, em parte, em Angoche, só muito raramente referida na ficção portuguesa, e de poderem ser mesmo encontradas algumas evocações da campanha de 1910 (pp. 137-138). Outro aspecto a salientar é o facto de a sociedade africana ser apresentada não apenas como um reservatório de mão-de-obra, mas como uma fonte de conhecimentos úteis. Tudo isto é narrado, sem condescendências, por um jovem administrador de plantação apaixonado.

Num outro registo, *Staging Growth*⁴³ destina-se a politólogos e historiadores. Esta obra contém um capítulo de Michael Mahoney sobre as ideologias

⁴⁰ Madeleine Joret, *L'Afrique en flânant. De Brazzaville au Cap de Bonne-Espérance. En 1960-61, à l'ère de la décolonisation*, Paris, L'Harmattan, 2003, 333 páginas, com 65 fotografias a preto e branco.

⁴¹ José Augusto Barahona Fernandes, *Evolução da Soberania Nacional no Lago Niassa – Sua Ocupação Científica pela Missão Hidrográfica de Moçambique*, Lisboa, Academia de Marinha, 1996, 65 páginas, com fotografias a cores.

⁴² Élio Bêlaze, *A Paixão de Muamina*, Porto, ed. do autor (Bento Elísio de Azevedo, Rua Honório de Lima, 307, 2.º, esq., 4200-322 Porto), 2002, 319 páginas.

⁴³ David C. Engerman, Nils Gilman, Mark H. Haefele e Michael E. Latham (coords.), *Staging Growth. Modernization, Development, and the Global Cold War*, Baltimore, University of Massachusetts Press, 2003, XIII + 283 páginas.

desenvolvimentistas do Estado Novo e da FRELIMO entre 1930 e 1977, dirigido a não especialistas da colonização portuguesa e de Moçambique. O autor afirma: «Mesmo comparados com o que era a norma na África colonial, os colonialistas moçambicanos eram pobres em recursos humanos e materiais e, em razão deste facto, o recurso à violência era excessivo» (p. 168). A este propósito, o autor, retomando as conclusões de Allen e Barbara Isaacman, define Salazar, não como fascista, mas como «tradicionalista antimodernista» (p. 169), e desmascara o luso-tropicalismo. Assinala, no entanto, um movimento modernizador nítido a partir de 1945 e um reajustamento do vocabulário, da política e da economia com Adriano Moreira e Franco Nogueira. Os três planos de desenvolvimento são alvo da sua atenção. Quanto à FRELIMO, o autor considera que a Frente atravessa uma mudança do nacionalismo cultural dos primeiros anos para uma luta contra as tradições e uma radicalização que leva ao marxismo. Tudo isto é consabido. O que é menos habitual é o paralelismo estabelecido entre os dois movimentos em direcção à modernidade e o seu insucesso respectivo.

Passemos aos protestantes, desta vez os alemães, com um grosso caderno intitulado *Mosambik*⁴⁴. Há muitas coisas interessantes neste panorama de mais de trinta capítulos: impressões de viagens, política, saúde, economia, imprensa, ecologia, reconstrução da sociedade civil, tradições, minas, literatura, religião, magia, história, música, relações germano-moçambicanas, etc. Trata-se de uma verdadeira enciclopédia ilustrada, redigida por autores alemães, moçambicanos, um sueco e um sul-africano.

E, uma vez saídos da guerra civil, recuemos no tempo até uma outra guerra, desta vez a colonial, com um livro à Hemingway no seu período áureo: *Rapporteur de guerre*⁴⁵, uma obra de Patrick Chauvel, onde, entre as lembranças deste fotógrafo de guerra (de Israel, em 1967, à Tchetchénia, em 1994), uma das mais violentas diz respeito a Moçambique, em 1972-1973, e ao lendário (sobretudo em Moçambique e na África do Sul) Daniel Roxo, ex-caçador de feras e elefantes, que se tornou o mais eficaz batedor de guerrilheiros da FRELIMO no Niassa. Com Chauvel, almoçamos com Jorge Jardim e as suas filhas e partimos em operação com os pará-quedistas e o grupo de africanos de Roxo. São matadores de elite que, depois da derrocada de 1974-1975, se refugiaram na Rodésia com o seu chefe e, depois, na África do Sul. Chauvel fotografa o bando que liquidou um campo da FRELIMO para depois nos levar até ao passado de Roxo, cuja mulher africana e os seus quatro filhos foram massacrados (empalados) pela FRELIMO após Roxo ter sido recrutado — à força, diz Chauvel — para combater ao lado do exército

⁴⁴ *Weltmission Heute, Nr. 49.Länderheft. Mosambik*, Hamburg, Evangelisches Missionswerk in Deutschland, 2003, 271 páginas, com fotografias a preto e branco.

⁴⁵ Patrick Chauvel, *Rapporteur de guerre*, Paris, Oh! Editions, 2003, 299 páginas, com fotografias a preto e branco e a cores.

português. A vingança será terrível. Em dez dias, Roxo «limpou» o seu território da acção da guerrilha, tendo morto 65 guerrilheiros com as suas próprias mãos. Perante estes resultados, o exército contrata-o, fornecendo-lhe armas e munições e pagando aos seus «homens em razão das armas tomadas e dos cadáveres» (p. 168). Se a minha memória não me trai, foi provavelmente em 1973, após a operação de Chauvel com Roxo, que me cruzei, no aeródromo de Tete, com o então jovem repórter, visivelmente abalado por esta experiência e transportando consigo as fotografias, impublicáveis nas revistas francesas por serem demasiado mórbidas. Em todo o caso, quando Chauvel cobria em Caxito (Norte de Luanda) a miserável invasão de Holden Roberto, dos zairenses e dos mercenários do coronel Santos e Castro, este não lhe podia ter dito (p. 175) em Outubro ou Novembro de 1975 que Roxo falecera, morto por uma mina na Rodésia, visto que Roxo (agora sargento do Batalhão 32 sul-africano) aparece numa fotografia (n.º 29, no livro de Jan Breytenbach, *The Buffalo Soldiers*, Alberton, Galago Publishing, 2002) datada de 1976 e, se ele estava morto e bem morto, esmagado pelo seu veículo quando saltava sobre uma mina, isto só aconteceu a 2 de Setembro de 1976 e... no Cuando-Cubango, em Angola! Detalhes insignificantes? Não na biografia de Roxo, personagem inquietante e fascinante, que merecia uma pequena monografia, uma vez que foi um dos últimos representantes dos grandes aventureiros portugueses da época áurea. De qualquer modo, mesmo que a cronologia apresente algumas imprecisões, este livro é importante para ficarmos a conhecer um traço da contraguerrilha, para além do peso e da anquilose do exército regular. Quanto a Roxo, ele teria sido, sem dúvida, uma das figuras da *Peregrinação* se se tivesse cruzado com Fernão Mendes Pinto. Precisamente, um dos méritos deste livro é ter feito reviver este senhor da guerra, comprometido com a defesa de uma causa antecipadamente perdida, diz Chauvel.

Do caçador de homens passemos aos caçadores de animais, que, seja o que for que pensemos dos seus livros, nos ensinam, por vezes, coisas tão interessantes como os viajantes. Tomemos o exemplo de Gordon Cundill e o seu *Fragments of Africa*⁴⁶. Apesar das ambições modestas deste simples caçador profissional, mais tarde organizador de safaris, através deste livro ficamos a saber como o seu pai, sul-africano como ele, sobreviveu economicamente durante a crise económica dos anos 1920-1930, caçando elefantes no Niassa português. Ele próprio teve uma longa e especial relação com Moçambique, sendo encarregado pelas autoridades, em 1965, de livrar o Médio Zambeze (entre Zumbo e a garganta de Cabora Bassa) dos seus elefantes e dos seus búfalos antes do enchimento da barragem. Foi igualmente encarregado de recolher espécies raras para o Jardim Zoológico de Budapeste e foi nestas

⁴⁶ Gordon Cundill, *Fragments of Africa. Vignettes from a Hunter's Life, 1939-1998*, Huntington Beach, Safari Press (15621 Chemical Lane, Bldg. B, Huntington Beach, CA 92649-1506, USA), 2004, x + 262 páginas, com fotografias a preto e branco.

funções que teve de se confrontar com a tremenda burocracia portuguesa (incluindo o Museu de História Natural e os Serviços Veterinários, etc.). Em 1998, o autor encontrará o Moçambique independente destruído (Inhaminga, caminho de ferro Transzambezião, etc.). Parece, no entanto, ter-se entendido melhor com os lusófonos, pré e pós-independência, do que com os francófonos.

Com outras ambições, muito mais orientadas para o desenvolvimento económico relacionado com a caça grossa nos países pobres, devemos referir uma obra magnífica⁴⁷, que será chamada a ser a Bíblia do amante de safaris, isto em vista dos preços praticados, o que a torna uma fonte de dólares para Moçambique e Angola. Ninguém fala de safaris na Guiné-Bissau nem no Rio Muni (onde, no entanto, existiam muitos elefantes). Assim, vejamos o que diz esta obra em relação a Angola (pp. 226-243) e a Moçambique (pp. 180-203). Um breve resumo histórico e, o que é mais útil, uma exposição de todas as zonas de caça actualmente abertas, com os animais autorizados, as condições de reconstituição das «coutadas» depois da guerra civil; em seguida, dois relatos de caçadores por país e uma quinzena de fotografias a cores ou a preto e branco. O interesse destes textos reside no facto de falarem de regiões que a guerra destruiu e onde os colonos eram raríssimos. Há capítulos inteiros dedicados aos cuidados de saúde e ao modo de encontrar um organizador de safaris sério e é aqui que entramos numa indústria que os leigos desconhecem em absoluto. Falamos de muitos milhares de dólares. Resta saber quanto deste dinheiro chega aos bolsos dos africanos, uma vez mortos os animais, e quanto entra no dos intermediários. As páginas têm 23 por 30 centímetros e os textos são apresentados em duas colunas. A obra abarca 25 países.

A publicação de livros dedicados a Timor parece ter abrandado, ou, pelo menos, os editores anglófonos desinteressaram-se do potencial mercado de leitores lusófonos — demasiado pequeno —, não dando a conhecer as suas publicações. Assim, ficámos limitados ao que apresentamos em seguida. O *Atlas de Timor Leste*⁴⁸ é, incontestavelmente, o manual mais útil, pois destina-se aos próprios timorenses (na medida em que os jovens, que fizeram a sua escolarização em indonésio, poderão lê-lo). Esta obra tem qualidades extraordinárias que não encontramos em mais nenhum atlas português sobre as antigas colónias: é bonito, é fiável, não é ideologicamente comprometido, está actualizado (para 2000-2001) e cobre o essencial da geografia física, humana, económica e política. Além disso, contém um mapa detalhado do território (1/250 000), dividido por várias páginas. É, essencialmente, um trabalho de geógrafos, estando a história recente (séculos XIX-XX) praticamente

⁴⁷ Craig T. Boddington e Peter Flack (coords.), *African Hunter II*, Huntington Beach, Safari Press (15621 Chemical Lane, Bldg. B, Huntington Beach, CA 92649-1506, USA), 2004, x + 606 páginas, com numerosas fotografias a preto e branco e a cores.

⁴⁸ Faculdade de Arquitectura, GERTIL e ICIST, *Atlas de Timor Leste*, Lisboa, Lidel, 2002, 169 páginas, com mapas, fotografias a cores e desenhos a sépia.

ausente, não do texto, mas dos mapas. Outro trunfo do livro reside no facto de Timor Leste surgir inserido no seu contexto mundial e regional (Insulíndia). As fotografias e mapas a cores foram cuidadosamente reproduzidos. Numa palavra, um instrumento de trabalho indispensável em qualquer biblioteca séria. Quanto à *Portuguese Studies Review*⁴⁹, o seu vol. 11, n.º 1, consagra pelo menos onze artigos a Timor, num total de mais de 200 páginas. Aí encontramos temas desconhecidos (como Timor e os canadianos, nomeadamente a imprensa), mas o que é mais preocupante para um lusófono é o futuro do português na ilha. Segundo uma sondagem, o conhecimento da língua portuguesa só é considerado importante para ser um «verdadeiro timorense» por 55% dos entrevistados. Em compensação, 86,5% consideram importante ser-se católico. Noutros termos, muitos consideram — sobretudo entre os jovens — que o português é uma língua do colonizador, tal como o indonésio (p. 141), e que não é importante na definição da identidade timorense. A título de curiosidade, refira-se aquele que pensamos ser o primeiro livro em checo sobre Timor Leste, elaborado por um compilador e divulgador neste país da história de alguns países lusófonos. À sua maneira, o autor de *Východní Timor*⁵⁰ é um defensor da identidade timorense.

Podemos ver renascer lentamente essa entidade num livro de reportagens de guerra de um jornalista alemão⁵¹ onde podem ler-se passagens como esta: «Encontramo-nos frente a uma camioneta amolgada sobre cuja plataforma dez pessoas, entrelaçadas umas nas outras, foram regadas com gasolina e queimadas vivas: grupo de Laocoon, não em mármore, mas de carne humana calcinada. Poupo-vos a vista aos ossos a saírem das carnes carbonizadas e a evocação do odor adocicado que lembra o dos grelhados e falarei antes das flores e das moedas que os vizinhos espalharam sobre as cinzas para apaziguarem os espíritos dos que foram assassinados» (p. 13). Hans Christoph Buch reflecte deste modo sobre o sentido da sua profissão de escrivão da morte e do desumano em Díli e em Liquiçá, em Novembro de 1999, onde encontra os primeiros soldados da INTERFET, depois dos massacres. Já vimos umas cinco ou seis vezes esta cena contada por outras tantas penas. Neste caso, não se trata de um livro raro, mas de uma consciência que não se habitua à rotina da infelicidade e perversidade dos homens. Um escritor raro, portanto, nos tempos que correm.

Redigido em Abril de 2004.

Tradução de Carla Araújo

⁴⁹ *Portuguese Studies Review*, vol. 11, n.º 1, Fall-Winter 2003, Peterborough (Ontario), Trent University, 2003, 252 páginas.

⁵⁰ Jan Klíma, *Východní Timor*, Praga, Nakladatelství Libri, 2003, 115 páginas.

⁵¹ Hans Christoph Buch, *Archipel de la douleur. Voyages au bout du nouveau désordre mondial*, Paris, Editions Grasset, 2003, 357 páginas.